

RESENHAS

MANUEL CORREIA DE ANDRADE, *Espaço, Polarização e Desenvolvimento*.
Universitária, Recife 1967.
Edição do Centro Regional de Administração Municipal. Imprensa

O professor Manuel Correia vem dando, há muitos anos, um sólido exemplo de aplicação intelectual, produzindo trabalhos altamente representativos em várias faixas das ciências sociais; e vem também constituindo-se um caso de progresso qualitativo, aumentando em segurança e em penetração a cada trabalho que publica.

O presente livro é um de seus mais recentes escritos, e nele êsse domínio, essa *maitrise* do assunto se ostenta em grande escala; e note-se que o tema, em parte, foge à alçada central do professor Correia. O tema, em si mesmo seria bastante técnico, dir-se-ia àridamente técnico, por conta do grau em que os problemas econômicos hoje perderam o gosto humano de polêmica e assumiram vestes esotéricas e cifradas. Mas o professor Garcia lança sobre êle a ampla tarrafa do seu ponto de vista geográfico e histórico conseguindo pescar para o leitor ensinamentos concretos.

O volume vem prefaciado pelo lamentado Fernando Mota, que o escreveu pouco tempo antes de sua recente e prematura morte.

O ensaio faz convergir, para a problemática do desenvolvimento (entendida em termos regionais, no caso, nordestinos) uma série de formulações científicas, sobretudo os conceitos ligados ao "espaço" e aos "polos de desenvolvimento". A noção do espaço, em seu vínculo com o problema geo-econômico, é tratada pelo professor Correia com base no que os franceses vêm chamando *aménagement du territoire*, uma disciplina em que o planteamento regional encontra método e fundamento. Quanto à noção de polos de desenvolvimento, sua exposição se apresenta sempre referida aos estudos de Perroux, nos quais o assunto "desenvolvimento" se enriqueceu com a idéia de que o crescimento econômico se verifica por intermédio de centros ou focos sempre regionalmente situados. É com base no próprio Perroux que o autor anuncia seu programa de trabalho à página 20: estudar os espaços econômicos como conteúdo de um plano, como campos de forças e como conjuntos.

Por essa visão, o espaço deixa de ser entendido como simples extensão; passa ser visto como um sistema condicionado de fatores, com características complexas, em função de potencialidades econômicas. Devemos destacar a importância do capítulo III, onde se estuda o problema da *região* "como unidade dinâmica", e a do capítulo IV, onde o autor apresenta a técnica do *aménagement du territoire* como promessa para correções dos desequilíbrios regionais do crescimento; aqui, aliás, aparece a advertência de que os desníveis de crescimento não ocorrem só entre povos, ou nações, mas também entre regiões de um mesmo país.

Decisivos, entretanto, são os capítulos VI, VII e VIII. Aqueles apresentam a aplicação do problema à "realidade brasileira" (contendo inclusive revisões históricas dignas de nota); o último, a aplicação da teoria dos polos ao caso nordestino. Com isto o autor coloca o problema da análise do "espaço nordestino" e das contribuições positivas que tem havido para administrar o desenvolvimento efetivo da região, em termos racionais. — Nelson Nogueira Saldanha.

AMARO QUINTAS, *O Sentido Social da Revolução Praieira*, editôra Civilização Brasileira, 1967.

Dar um "sentido" aos fatos que estuda: eis aí uma das tarefas essenciais do historiador. Doutro modo, reduzir-se-ia em sua faina a um coletor de dados. O historiador atribui sentido aos fatos como uma maneira de dar vida às informações de que dispõe; e quando o fato em causa é uma revolução, atribuição de sentido assume um apuro dramático e agônico, que repassa através da documentação e atinge o leitor.

Aliás, há muito que as revoluções brasileiras estavam a pedir revisões (quando digo revoluções brasileiras, não ponho o problema sociológico de saber se realmente tem havido revoluções em nossa história), a pedir um levantamento que desse deixa para uma futura e oportuna interpretação de seus perfis confrontados.

Tudo isso acode à consideração quando da leitura do novo livro do professor Amaro Quintas, *O SENTIDO SOCIAL DA REVOLUÇÃO PRAIEIRA*. Leitura que é, para muitos, releitura: para os que já tinham conhecido, senão mesmo estudado, os seus ensaios sobre o movimento da "Praia", sobre o socialismo utópico ecoante em Pernambuco e sobre o socialismo utópico ecoante em Pernambuco e sobre o *Cousin Fusco*. Leitura ou releitura, e sem falar no novo "sentido" do livro, editado agora belamente pela combativa Civilização Brasileira, a obra se apresenta ao leitor como uma revivescência do passado, cheia de grande poder de convencimento; faz-nos conviver com os revolucionários, ler os jornais da época, palpitar e vibrar com os homens daquele tempo.

Com efeito, os homens da praieira eram revolucionários românticos, como românticos sóem ser os revolucionários, no sentido de frementes e insatisfeitos: isso convida o historiador a enfatizar as palavras, sobretudo quando o historiador pratica uma metodologia em que as realidades sociais se encaram como um todo. Na verdade, não cultiva o professor Quintas uma historiografia lateralista, presa ao fator econômico sozinho, nem a outro fator exclusivista. Seu registro histórico abarca vários ângulos, e sua interpretação, embora destacando o social e correlatamente o econômico, é doutrinariamente sóbria e equilibrada. O valor do trabalho, por sinal, não aparece apenas no nível do domínio das fontes, efetivamente pesquisadas a fundo; aparece também na arte de dar atualidade ao passado, trazendo para o presente lições e exemplos.

Poderia desejar-se que o professor Quintas tivesse reelaborado certas partes, ou ao menos dado uma introdução onde rerepresentasse as partes do livro, que datam de ocasiões diferentes; ou uma conclusão onde certos tópicos se fizessem tipologia e síntese. Isso entretanto, desejado por um leitor, não afeta a valia do livro, nem altera o mérito de seu conteúdo, que nos dá um quadro vivíssimo das nossas antigas rebeldias, tão heróicas em sua ocasião e tão significativas para o conjunto de nosso processo histórico. — *Nelson Nogueira Saldanha*.

SANTOS: O PÔRTO DO CAFÉ — Professor José Ribeiro de Araújo Filho.
Tese de Concurso. São Paulo, 1967 (185 páginas)

A Universidade de São Paulo, inegavelmente uma das mais dinâmicas e eficientes do país, vem se destacando pela contínua renovação do seu pessoal docente, dando grande atenção à qualificação profissional do mesmo e a sua integração na região em que se situa, através do estímulo à realização de pesquisas e à publicação de trabalhos. Pesquisas de campo que fornecem material e assunto para as dezenas de teses de doutorado, de docência livre e, às vezes de cátedra que todos os anos lá se realiza.

Dentre as teses defendidas em 1967, salienta-se pelo seu alto valor científico, pelo seu estilo primoroso e pela contribuição que traz ao conhecimento dos problemas regionais, aquela com que o Prof. José Ribeiro de Araújo Filho conquistou docência de Geografia do Brasil, intitulada "Santos, o Pôrto do Café".

Na realidade, o professor paulista que é uma das mais expressivas figuras da geografia brasileira e que já nos dera além de uma série de artigos, dois ensaios fundamentais para os estudiosos da Geografia Humana e Econômica brasileiras — *A Baixada do Rio Itanhaém*, em 1951, e *Café Riqueza Paulista*, em 1956 — agora oferece um bem elaborado e documentado trabalho sobre o principal pôrto do país, pôrto que serve à área mais rica e desenvolvida do Brasil. A tese compreende cinco capítulos: no primeiro estuda a posição de Santos entre os portos atlânticos da América do Sul; no segundo as bases naturais que permitiram o desenvolvimento do grande pôrto paulista; no terceiro, com sólida base de conhecimentos históricos, estuda a evolução do pôrto e da cidade de Santos, desde a era colonial, dos trapiches, até o advento da ferrovia que, ligando o mesmo ao planalto, ampliou consideravelmente a sua área de influência; no quarto, faz o estudo do grande pôrto em que se tornou a modesta vila de Bras Cubas, com o desenvolvimento das comunicações com o interior e com o crescimento econômico da cafeicultura e, finalmente, no quinto capítulo, estuda as ligações de Santos com o café, fazendo uma autêntica geografia da comercialização deste produto tropical que é, ainda, a nossa principal fonte de divisas. Sendo uma contribuição de primeira ordem, é necessário que esta tese seja publicada em breve por uma editôra comercial que em grande tiragem dê ao livro a divulgação que êle merece.

O Prof. José Ribeiro de Araújo Filho, utilizando uma excelente formação geográfica e sólidos conhecimentos históricos, sociológicos e econômicos, prestou um grande serviço à sua Universidade e ao País, de vez que o seu livro pode ser largamente utilizado na preparação do diagnóstico da realidade brasileira indispensável à elaboração da planificação do desenvolvimento econômico do país — *Manuel Correia de Andrade*.

MYRIAM ELLIS — As feitorias Baleieiras Meridionais do Brasil Colonial. Tese de Concurso. São Paulo, 1966. — 2 volumes 503 páginas.

Livro de grande importância para o estudo da evolução econômica do Sudeste e Sul do Brasil, é a tese com que a historiadora Myriam Ellis conquistou a livre-docência da Cadeira de História da Civilização Brasileira, na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Na realidade, historiadora moderna, a Profa. Myriam Ellis procura estudar os fatos do nosso passado, não só explicar como êles se desenrolaram, como também, buscando interligar a ocorrência dos mesmos, as condições e as causas econômicas e sociais que os motivaram, assim apurando as consequências que dêles decorreram. Deixa de lado uma história casuística, preocupada com os detalhes, escrava dos documentos, para fazer uma história viva, atuante, que partindo do documento, da análise do fato, reconstitui a sociedade da época e fornece subsídios para a prospectiva, para o "aménagement du territoire", para a planificação econômica e social.

Nesta linha se encontra a sua tese de Doutorado sobre o Comércio e o Monopólio do Sal, publicada, faz alguns anos, e esta outra de livre-docência sobre a pesca da baleia no Brasil Colonial, que ao nosso ver esgotou o assunto.

O livro compreende cinco capítulos além de uma Introdução e de uma selecionada Bibliografia que se estende desde a pág. 443 à pág. 503, por 60 páginas, portanto, na qual estão catalogados todos os documentos e livros que abordam o assunto. Os capítulos que se desenvolvem como verdadeiros ensaios se intitulam: I O Alvorecer da Indústria Baleeira no Brasil Colonial e as "Pescarias do Norte"; II A Expansão Geográfica das Feitorias Baleeiras e o Estabelecimento das "Pescarias do Sul". A "Armação" no Brasil Meridional; III O Trabalho nas Feitorias do Sul. A Mão de Obra e as Técnicas Baleeiras. O Destino da Produção. IV Monopólio e Contratos das Feitorias do Sul. V Da Administração da Fazenda Real à liquidação das "Pescarias do Sul". O Fim das Armações Meridionais do Brasil.

O simples enunciado dos capítulos indica o grande entrosamento feito pela autora entre a História, a Geografia, a Economia e a Sociologia, integrando as várias ciências do homem. Assim, preocupou-se com a localização espacial de uma atividade econômica, com as relações de trabalho por ela criadas e desenvolvidas, com a comercialização da produção e com as relações entre a atividade produtiva e a ação governamental. Vê-se, assim, que neste ensaio a história é estudada não como um preciosismo cultural, mas como uma ciência dinâmica que analisando o passado fornece subsídios para o conhecimento do presente e para a preparação do futuro. — *Manuel Correia de Andrade.*

NECROLÓGIOS

FERNANDO DE OLIVEIRA MOTA — (1916-1967)

Vitimado por colapso cardíaco, faleceu em Caracas, em julho, o prof. Fernando de Oliveira Mota, professor catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Pernambuco.

Nascido a 16 de abril de 1916, iniciou Fernando Mota seus estudos no Seminário de Olinda, transferindo-se para o Colégio Salesiano para finalmente se licenciar pela Faculdade de Filosofia desta Universidade.

Com uma orientação inicial neotomista, Fernando Mota foi evoluindo para um espiritualismo à moda de Farias Brito, para finalmente, assumir uma posição eclética perante as diversas posições filosóficas. E, ao ingressar em 1949, na Faculdade de Ciências Econômicas, seu contato com realidade econômica o foi conduzindo para posições que, mais tarde, qualificaríamos de prêmoxista.

Estreiou Fernando Mota como ensaísta ao publicar, em parceria outro trabalho, "Afirmções Brasileiras", numa edição dos controvertidos "Cadernos da Hora Presente".

Ainda, em 1939, Fernando Mota estrejava no teatro com a comédia "O Cenflito", 1.º prêmio de um concurso de peças para operários, instituído pela Prefeitura Municipal do Recife. Anos depois, retornaria Fernando Mota ao Teatro com a discutida "Pala-hi".

Todavia, seria a monografia sobre Farias Brito o trabalho que o projetaria como historiador da filosofia e particularmente das nossas investigações filosóficas. Anunciava sempre Fernando Mota uma "Pequena História da Filosofia" que, já no ano de 1939, se encontrava esboçada em alguns capítulos. E em 1940, quando publica o seu "Manual de Sociologia", invoca, como pretexto a sair, a "Pequena História da Filosofia".

Falando no Manual de Sociologia, o saudoso mestre imprimia em 1940, a "Introdução à Sociologia" que se transformaria em livro de texto para nossa geração, então cursando o famoso curso "pré".

Ao se doutorar em filosofia, talvez o único doutoramento que se realizou até hoje numa Faculdade de Filosofia em Pernambuco, Fernando Mota apresentou a monografia "O Problema do Conhecimento". E ao se candidatar a disputar conosco a cátedra de Sociologia Educacional do Instituto de Educação, o ilustre mestre apresentava-se com a magnífica contribuição, "Educação e Democracia".

As incursões literárias sempre o tentaram; dessa fase, "Aspectos Linguísticos do Nordeste" a "A Outra Face de Eça".

Deixou Fernando Mota inédita uma biografia de Bolívar e os romances "Prometeu" e "Fandango".

Em 1949, em virtude da então recente reforma curricular, o Prof. Duarte Dias recrutou para os quadros docentes da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Recife diversos jovens professores: Fernando Mota, Arnóbio Graça, Pinto Ferreira, Mario Lacerda, Lourival Vilanova, Newton Sucupira e Gláucio Veiga. Daí em diante, Fernando Mota irá se dedicar exclusivamente aos problemas econômicos, particularmente, os da região.

Ingressando no Banco do Nordeste e, logo depois, na SUDENE, dedicou-se inteiramente à nossa região e aos seus problemas. E de sua maravilhosa experiência resultaram dois livros definitivamente incorporados à economia brasileira: o Manual de Localização Industrial e o Manual de Desenvolvimento Econômico.

O primeiro representa os resultados de seu estágio nos EE. UU. na Uni-